



Transtornos de linguagem em pessoas que se comunicam por língua de sinais: revisão integrativa

Language disorders in people who communicate using sign language: an integrative review

Trastorno del lenguaje en personas que se comunican por lengua de señas: revisión integradora

Natália de Sousa Leal Silva* 
Ana Manhani Cáceres-Assenço* 

Resumo

Introdução: Quando um transtorno de linguagem se apresenta desde a infância e não é diagnosticado ou tratado, independente da língua e de sua modalidade, pode acarretar uma série de consequências em todas as fases da vida. **Objetivo:** Identificar e analisar a produção científica que aborda a ocorrência de transtornos de linguagem em pessoas surdas que se comunicam por língua de sinais. **Estratégia de pesquisa:** Levantamento da literatura nacional e internacional nas bases de dados, Embase, ERIC, LILACS, PubMed e Scielo. A pergunta norteadora foi “Como a Fonoaudiologia aborda os casos de pessoas surdas usuárias de língua de sinais e que são acometidas por transtornos de linguagem nessa modalidade?”. **Critério de seleção:** Artigos que abordavam práticas fonoaudiológicas em quadros de transtorno de linguagem em população usuária de língua de sinais. **Resultados:** Foram identificados 295 artigos, e após aplicar os critérios de elegibilidade, oito foram incluídos na análise. O intervalo de tempo de publicação encontrado foi de 12 anos (de 2007 até 2018), estudos majoritariamente do Reino Unido, de delineamento observacional e ainda com amostra restrita. **Conclusão:** Há escassez de estudos que abordem os transtornos de linguagem em crianças surdas sinalizadoras, principalmente no âmbito nacional.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal - RN, Brasil

Contribuição dos autores:

NSLS: colaborou com a idealização do estudo e atuou na coleta, análise e interpretação dos dados, além da elaboração do artigo. AMCA: participou do delineamento do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados, além da orientação do estudo e revisão final do artigo.

E-mail para correspondência: Ana Manhani Cáceres Assenço - ana.manhani@ufrn.br

Recebido: 17/05/2022

Aprovado: 14/02/2023

Esse achado chama atenção para a necessidade de estudos que abordem práticas fonoaudiológicas de intervenção nesses transtornos, viabilizando a formação dos fonoaudiólogos quanto às práticas clínicas.

Palavras-chave: Língua de sinais; Transtorno da linguagem; Linguagem

Abstract

Introduction: When a language disorder presents itself since childhood and is not diagnosed or treated, regardless of the language and its modality, it can have a series of consequences, in all stages of life. **Purpose:** To identify and analyze the scientific production that addresses the occurrence of language disorders in deaf people who communicate using sign language. **Research strategies:** Search in national and international literature in databases Embase, ERIC, LILACS, PubMed and Scielo. The guiding question was “How does Speech Language Therapy address the cases of deaf signers who are affected by language disorders in this modality?”. **Selection criteria:** Manuscripts that addressed speech language therapy practices in language disorder conditions in a population of deaf signers. **Results:** 295 articles were identified; after applying the eligibility criteria, eight were included in the analysis. The time interval found between publications was 12 years (from 2007 to 2018); most studies were from the United Kingdom, with observational design and with a restricted sample. **Conclusion:** The number of studies that address language disorders in deaf sign children is scarce, especially in the national context. This finding evidences the need for studies that address speech language therapy intervention practices in these disorders, enabling the training of speech language therapists regarding clinical practices.

Keywords: Sign language; Language disorders; Language

Resumen

Introducción: Cuando un trastorno del lenguaje se presenta desde la infancia y no es diagnosticado ni tratado, independientemente del lengua y su modalidad, puede tener una serie de consecuencias en todas las etapas de la vida. **Objetivo:** Identificar y analizar la producción científica que aborda la ocurrencia de transtornos del lenguaje en personas sordas que se comunican por lengua de senãs. **Estrategia de investigación:** Relevamiento de literatura nacional e internacional en bases de datos, Embase, ERIC, LILACS, PubMed Y Scielo. La pregunta orientadora fue «¿cómo aborda la logopedia los casos de personas sordas que utilizan la lengua de senãs y que se ven afectadas por transtornos del lenguaje en esta modalidad?» **Criterios de selección:** Artículos que abordan las prácticas de logopedia en condiciones de transtornos del lenguaje en una población que usa lengua de senãs. **Resultados:** Se identificaron 295 artículos, ocho fueron incluidos en el análisis luego de aplicar los criterios de elegibilidad. El intervelo de tiempo de publicación fue 12 años (de 2007 a 2018) en su mayoría de Reino Unido, con diseño observacional y aún con una muestra restringida. **Conclusión:** Hay una escasez de estudios que aborden los transtornos del lenguaje en niños sordos de signos, principalmente a nivel nacional. Este hallazgo llama la atención sobre la necesidad de estudios que aborden las prácticas de intervención logopédica en estos transtornos, permitiendo la formación de logopedas en las prácticas clínicas.

Palabras clave: Lengua de senãs; Transtornos del lenguaje; Lenguaje

Introdução

A linguagem é a principal forma de comunicação dos seres humanos e seu período mais crítico de desenvolvimento ocorre entre o nascimento e os 3 anos. O desenvolvimento da linguagem pode ser observado pelos marcos de desenvolvimento, como o balbucio que emerge por volta dos 5 meses, e a produção da primeira palavra, que costuma acontecer até o fim do primeiro ano de vida¹.

O desenvolvimento da linguagem em crianças que se comunicam através de línguas visuo-espaciais pode acontecer no mesmo período que o desenvolvimento de crianças ouvintes usuárias de línguas orais-auditivas. Porém, elas precisam ser expostas ao *input* adequado e em idade oportuna, assim elas podem balbuciar com as mãos a partir dos 6 meses e sinalizar suas primeiras palavras até os 12 meses. Entretanto, cerca de 90% das crianças que têm a língua de sinais como língua materna são expostas à linguagem tardiamente, pois são filhas de pais ouvintes não fluentes em língua de sinais².

É importante ressaltar, também, que nem todas as crianças são diagnosticadas precocemente. Em muitos casos, mesmo quando há diagnóstico precoce, a exposição à língua de sinais não é priorizada, invalidando a identidade e a cultura surda³. As línguas orais predominam em nossa sociedade e as línguas de sinais são marginalizadas. A surdez ainda é estigmatizada como um limitador cognitivo⁴.

As abordagens fonoaudiológicas voltadas para a comunidade surda são majoritariamente oralistas, ou seja, seu objetivo principal recai sobre o desenvolvimento de habilidades auditivas e de fala. Entretanto, é necessário que outras abordagens sejam difundidas na área, valorizando e dando oportunidade para que as crianças surdas também possam desenvolver sua língua natural⁵.

As línguas de sinais são tão completas e complexas quanto as línguas orais. Elas se configuram como a língua natural do surdo, visto que não demandam estímulos auditivos para serem desenvolvidas⁶. No Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) foi reconhecida como língua oficial com estrutura própria apenas em 2002, pela lei federal 10.436 que a reconhece como meio legal de comunicação⁷. Em 2005, o decreto 5.626 incluiu a disciplina de Libras no currículo obrigatório de cursos das áreas de educação e saúde, dentre eles todos os cursos de licenciatura e bacharelado em Fonoaudiologia, e como disciplina optativa para os

demais cursos de educação superior⁸. Essa medida visa garantir acesso à comunicação, informação, educação e atendimento fonoaudiológico para a comunidade surda; entretanto, a formação acadêmica ainda é considerada insuficiente, precisando avançar e sistematizar a carga horária e conteúdos abordados nas disciplinas para que sejam exercidas práticas fonoaudiológicas de qualidade⁹.

Quando um transtorno de linguagem não é diagnosticado ou tratado na infância, ele pode acarretar uma série de consequências para o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico da criança¹⁰. Usualmente, o termo transtorno de linguagem é atribuído exclusivamente à modalidade oral, porém ele é válido também para a modalidade visual¹¹. Assim, atipias podem acometer as línguas de sinais, assim como ocorre com as línguas orais.

A atuação fonoaudiológica nos transtornos de linguagem nas línguas de sinais é uma área que está em expansão, os primeiros casos foram publicados nos Estados Unidos e no Reino Unido, alguns protocolos de avaliação de linguagem utilizando língua de sinais foram criados em vários países, inclusive no Brasil. Em 2019 tivemos um avanço significativo com a aprovação do Comitê de Língua de Sinais e Bilinguismo para Surdos pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Esse comitê tem por meta integrar profissionais atuantes na área, promover discussões, construir e aprimorar políticas públicas para a comunidade surda¹². Com o aumento dos estudos na área se faz necessária uma revisão de literatura para sintetizar os conhecimentos que vêm sendo evidenciados.

Objetivo

O presente estudo teve por objetivo identificar e analisar a produção científica que aborda a ocorrência de transtornos de linguagem em pessoas surdas que se comunicam por língua de sinais.

Estratégias de busca

Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura conduzida nas seguintes etapas: (1) delimitação do tema; (2) elaboração da pergunta norteadora; (3) definição dos critérios de busca na literatura; (4) coleta de dados; (5) análise crítica dos estudos; (6) interpretação dos resultados e (7) apresentação da revisão integrativa ou síntese de conhecimento.

A pergunta norteadora foi “Como a Fonoaudiologia aborda os casos de pessoas surdas usuárias de língua de sinais e que são acometidas por transtornos de linguagem nessa modalidade?”.

Com o intuito de responder a essa pergunta foram consultadas cinco bases de dados eletrônicas: Embase, Education Resources Information Center (ERIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), US National

Library of Medicine (PubMed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). As buscas ocorreram em novembro de 2021 e foram baseadas em combinações dos descritores, combinados com os operadores booleanos, em português “linguagem” e “língua de sinais”, e em inglês, “language impairment”, “language disorder” e “sign language”, conforme Quadro 1.

Quadro 1. Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados

Base de dados	Estratégia de busca
Embase	("language impairment" OR "language impairments" OR "language disorder") AND "sign language"
ERIC	("language impairment" OR "language impairments" OR "language disorder") AND "sign language"
LILACS	((linguagem) AND NOT (escrita)) AND (língua de sinais)
PubMed	("language impairment" OR "language impairments" OR "language disorder") AND "sign language"
SciELO	("linguagem" AND NOT "escrita") AND "língua de sinais"

As etapas de identificação e seleção dos artigos foram realizadas por duas revisoras de maneira independente. Todos os resultados obtidos na consulta às bases de dados foram transpostos para uma planilha do Excel. Os artigos duplicados foram identificados e já excluídos. A etapa de triagem dos artigos considerou o título e, a seguir, o resumo, aplicando os critérios de inclusão e exclusão.

Critérios de seleção

Os critérios de inclusão consideraram artigos que abordavam práticas fonoaudiológicas em quadros de transtorno de linguagem em população usuária de língua de sinais, sem limitação de idioma ou ano de publicação. Além da exclusão de artigos duplicados entre as bases de dados, foram excluídas publicações que apresentassem apenas a elaboração de testes de avaliação, debates teóricos ou editoriais.

Análise dos dados

Após definição dos artigos incluídos, foram extraídos e registrados em um quadro os seguintes dados: autores; ano de publicação; título; país; tipo de estudo; faixa etária dos participantes; número de participantes; objetivo e conclusão principal.

Resultados

Foram identificados 295 estudos nas buscas às bases de dados, divididos nas cinco bases de dados consultadas (Figura 1). Após exclusão por duplicidade, 246 artigos foram considerados na etapa de seleção, sendo que oito artigos foram incluídos para leitura completa por atenderem os critérios de elegibilidade (Tabela 1).

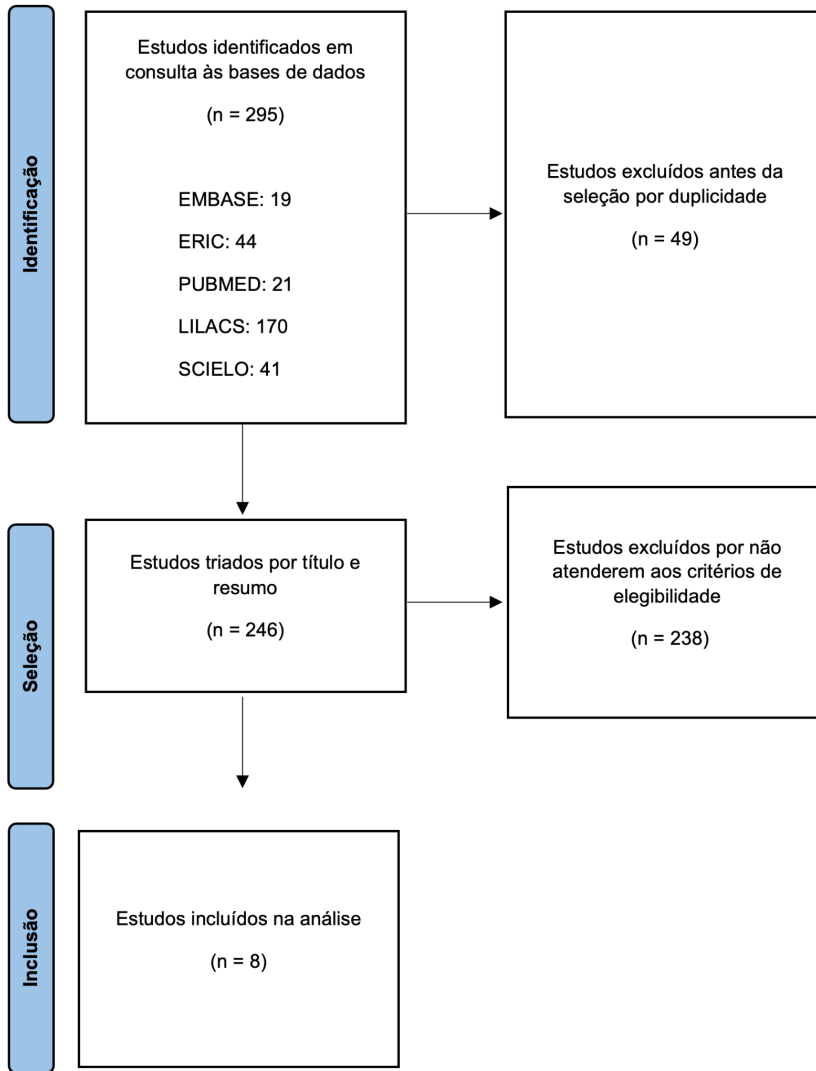


Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos

Para descrever as publicações que fizeram parte da análise, os dados foram apresentados de forma cronológica crescente. Quanto ao ano de publicação, o intervalo foi de 12 anos (de 2007 a 2018), como no máximo uma publicação por ano.

A maioria dos estudos foram publicados no Reino Unido (62,5%), enquanto 25% foram publicados no Brasil e 12,5% nos Estados Unidos. No que se refere ao delineamento dos estudos 75% eram observacionais e 25% eram estudos de caso.

As amostras dos estudos continham entre 11 e 17 participantes em 62,5% dos estudos, a maior amostra foi de 53 participantes em um dos estudos e os demais tiveram apenas um participante. A faixa etária da população dos estudos selecionados foi composta, em sua maioria, por crianças e adolescentes com idades entre 3 e 14 anos, com exceção apenas de um artigo que contou com participantes de idades entre 3 e 22 anos.

Tabela 1. Caracterização dos estudos elencados

Autor	Ano	Título original	País	Tipo de estudo	Faixa etária dos participantes	Número de participantes	Objetivo	Conclusão principal
Morgan G, Herman R, Woll B	2007	Language impairments in sign language: breakthroughs and puzzles	Reino Unido	Estudo de caso	5 anos	1	Descrever a avaliação de uma criança surda exposta desde o nascimento à língua de sinais britânica por adultos fluentes	Os resultados preliminares obtidos indicam que os transtornos de linguagem não são exclusivos da modalidade oral.
Mason C, Rowley K, Marshall CR, Atkinson JR, Herman R, Woll B, Morgan G	2010	Identifying specific language impairment in deaf children acquiring British Sign Language: Implications for theory and practice	Reino Unido	Observacional	5 a 14 anos	13	Identificar distúrbio específico de linguagem em crianças surdas que estão em fase de aquisição da língua de sinais	Apesar de pareadas com idade e experiência linguística, as crianças apresentaram atrasos no desenvolvimento de habilidades linguísticas. Os prejuízos não podem ser justificados pela pobre exposição à linguagem, comprometimento de habilidades cognitivas, sociais ou motoras.
Marshall CR, Rowley K, Mason C, Herman R, Morgan G	2013	Lexical organization in deaf children who use British Sign Language: Evidence from a semantic fluency task	Reino Unido	Observacional	7 a 14 anos	13	Investigar se há diferença entre a fluência semântica entre surdos usuários de língua de sinais com e sem distúrbio específico de linguagem	As crianças surdas com DEL não diferiram de seus pares na organização lexical em língua de sinais, mas seu acesso lexical aos sinais foi menos eficiente.
Herman R, Rowley K, Mason C, Morgan G	2014	Deficits in narrative abilities in child British Sign Language users with specific language impairment	Reino Unido	Observacional	5 a 14 anos	17	Comparar o desempenho em habilidades narrativas de crianças surdas usuárias de língua de sinais com e sem transtorno de linguagem	O grupo com transtorno de Linguagem produziu narrativas mais curtas, menos estruturadas e gramaticalmente mais simples que seus pares. A narrativa pode ser um marcador de transtornos de linguagem independente da modalidade linguística.
Marshall CR, Mason C, Rowley K, Herman R, Atkinson JR, Woll B, Morgan G	2014	Sentence Repetition in Deaf Children with Specific Language Impairment in British Sign Language	Reino Unido	Observacional	7 a 12 anos	11	Comparar as habilidades de repetição de sentenças entre crianças surdas usuárias de língua de sinais com e sem DEL	O grupo com DEL teve menos acurácia em seu desempenho do que o grupo controle, correspondendo ao padrão observado em quadro de DEL em indivíduos ouvintes.
Barbosa FV	2016	A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue e a Escola de Surdos na Identificação da Língua de Sinais Atípica	Brasil	Observacional	3 a 22 anos	53	Descrever o processo de detecção de casos de língua de sinais atípica e o encaminhamento desses casos para um serviço de saúde preparado para receber surdos usuários de língua de sinais	Os resultados apresentados sugerem a importância da interação entre a escola e a clínica especializada para a otimização do diagnóstico precoce de desordens de linguagem em surdos sinalizantes
Quinto-Pozos D, Singleton JL, Hauser PC	2017	A Case of Specific Language Impairment in a Deaf Signer of American Sign Language	EUA	Estudo de caso	11 anos	1	Descrever as habilidades e dificuldades de um adolescente surdo usuário de língua de sinais e com distúrbio específico de linguagem	Além de propor critérios adaptados para o diagnóstico de DEL em usuários de língua de sinais, o estudo alerta para a importância de se considerar a possibilidade do DEL ocorrer em outras modalidades que não apenas a oral
Guimarães CF, Campello ARS	2018	"Trocias nos sinais": caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos	Brasil	Observacional	3 a 7 anos	15	Descrever as características dos processos fonológicos encontrados na língua de sinais de pré-escolares surdos	Todas as crianças surdas apresentaram produção de sinais com processos fonológicos, confirmando que é um fenômeno natural do desenvolvimento infantil também nas línguas de sinais. O tipo mais frequente foi assimilação, e o parâmetro configuração de mão foi o mais afetado e a ocorrência maior, na mão passiva

Discussão

O presente estudo analisou publicações científicas que abordam a ocorrência de transtornos de linguagem em pessoas surdas sinalizantes.

Os estudos foram encontrados a partir do ano de 2007, embora nas buscas não tenha sido delimitado ano de publicação. Esse fato indica que o tema é consideravelmente recente, apenas quatorze anos; porém, ainda assim, há um número muito restrito de publicações, não ultrapassando uma por ano. Outro fato que chama atenção é o tamanho da amostra dessas publicações, quase todas não chegam a 20 participantes; o único estudo que ultrapassa esse número, com 53 participantes identifica, por fim, apenas 13 indivíduos com transtorno de linguagem¹³.

O Reino Unido se destaca em número de publicações, entretanto ao analisarmos os autores envolvidos, notamos que se trata do mesmo grupo de pesquisadores, o que indica escassez no interesse de realização de pesquisas na área. Apesar de o Brasil ter duas publicações no tema, a primeira data de 2016¹³, ou seja, quase dez anos após o estudo pioneiro².

O delineamento predominante é de estudos observacionais, o que revela uma carência de pesquisas de intervenção específicas para as línguas de sinais. Essa carência se soma à dificuldade para identificação e diagnóstico, comprometendo a elaboração de estratégias de intervenção na prática clínica fonoaudiológica nos casos de língua de sinais atípica¹⁴.

Dentre os artigos analisados, observamos duas formas de abordar os transtornos de linguagem: algumas pesquisas buscam analisar alterações globais de linguagem, enquanto outras focam em prejuízos específicos em algum nível linguístico. Três estudos apresentam prejuízos em áreas mais globais da linguagem como compreensão e produção^{2,15,16}, o que não surpreende, o que era esperado, já que dois artigos são de estudos de casos (Morgan, Woll e Herman (2007) e Quinto-Pozos, Singleton e Hauser (2017)). Os estudos mais específicos abordam a fluência semântica¹⁷; a repetição de sentenças¹⁸ e habilidades narrativas¹⁹. Esses têm um caráter também de investigação, servindo de base para as próximas pesquisas acerca de avaliações diagnósticas dos transtornos nessa modalidade.

Os dois estudos nacionais merecem uma análise mais aprofundada, pois apresentam um enfoque

um pouco distinto. O primeiro deles apresenta a interação entre clínica fonoaudiológica e a escola, se propondo a capacitar os professores para identificar alunos com possíveis alterações e a triar os alunos encaminhados. Seus resultados demonstram que alterações nos níveis fonético-fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmáticos podem acometer os indivíduos de forma isolada ou combinada¹³. Já o segundo estudo propõe investigar os processos fonológicos na produção dos sinais, porém em sua conclusão identifica que todos correspondem ao que seria esperado no desenvolvimento infantil de falantes, portanto não identifica nenhum transtorno de linguagem²⁰.

A literatura demonstra escassez de estudos na área, expondo possível omissão da Fonoaudiologia sobre o tema, fazendo-se necessário a elaboração de mais pesquisas, principalmente estudos de intervenção, pois diante do exposto há uma população que pode apresentar transtornos de linguagem e está desprovida de estratégias de intervenções fonoaudiológicas baseadas em evidências científicas, pois não há formação básica necessária nos cursos de graduação em Fonoaudiologia⁹.

Conclusão

Após análise dos artigos selecionados, constata-se uma escassez de estudos na área, principalmente no âmbito nacional, indicando a necessidade de novos estudos.

Diante das análises a grande maioria dos estudos evidenciam a ocorrência de transtornos de linguagem na modalidade visuoespacial em algum nível linguístico, exceto um que identificou processos esperados para o desenvolvimento. Entretanto, mesmo com estas evidências ainda não existem estudos que abordem práticas fonoaudiológicas de intervenção nesses transtornos, apontando um déficit tanto na formação dos fonoaudiólogos, quanto nas práticas clínicas.

Referências

1. Pedroso FS, Rotta NT, Danesi MC, Avila LN de, Savio CB. Evolução das manifestações pré-linguísticas em crianças normais no primeiro ano de vida. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia* [online]. 2009, v. 14, n. 1, pp. 22-25.



2. Morgan G, Herman R, Woll B. Language impairments in sign language: Breakthroughs and puzzles. *International Journal of Language and Communication Disorders*. 2007 Jan; 42(1): 97–105.
3. Lodi ACB, Moura MC de. Primeira língua e constituição do sujeito: uma transformação social. *ETD - Educação Temática Digital*, 2008, v. 7, n. 2, p. 1–13, 2008.
4. Dizeu LCTB, Caporali, SA. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação & Sociedade* [online]. 2005, v. 26, n. 91, pp. 583-597.
5. Barbosa FV. Avaliação das habilidades comunicativas de crianças surdas: a influência do uso da língua de sinais e do português pelo examinador bilíngue. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia* [online]. 2007, v. 12, n. 4, pp. 346.
6. Barbosa FV, Lichtig I. Protocolo do perfil das habilidades de comunicação de crianças surdas. *Revista de estudos da linguagem*. 2014, v. 22, n. 1, p. 95-118.
7. Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, 25 de abril de 2002.
8. Brasil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União, Brasília*, 23 de dezembro de 2005.
9. Guarinello AC, et al. A disciplina de Libras no contexto de formação acadêmica em Fonoaudiologia. *Revista CEFAC* [online]. 2013, v. 15, n. 2, pp. 334-340.
10. Prates LCS, Martins VO. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. *Revista Médica de Minas Gerais*. 2011; 21(4): 54–60.
11. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão Técnica Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
12. Moura MC, Begrow DDV, Chaves ADD, Azoni CAS. Fonoaudiologia, língua de sinais e bilinguismo para surdos. *CODAS*. 2021; 33(1): 1–2.
13. Barbosa FV. A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue e a Escola de Surdos na Identificação da Língua de Sinais Atípica. *Educação & Realidade*. 2016 Sep; 41(3): 731–54.
14. Cripps JH, Cooper SB, Supalla SJ, Evitts PM. Meeting the Needs of Signers in the Field of Speech and Language Pathology. *Communication Disorders Quarterly*. 2016; 37(2): 108–16.
15. Mason K, Rowley K, Marshall CR, Atkinson JR, Herman R, Woll B, et al. Identifying specific language impairment in deaf children acquiring British Sign Language: Implications for theory and practice. *British Journal of Developmental Psychology*. 2010; 28(1): 33–49.
16. Quinto-Pozos D, Singleton JL, Hauser PC. A case of specific language impairment in a deaf signer of American sign language. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. 2017; 22(2): 204–18.
17. Marshall CR, Rowley K, Mason K, Herman R, Morgan G. Lexical organization in deaf children who use British Sign Language: Evidence from a semantic fluency task. *Journal of Child Language*. 2013; 40(1): 193–220.
18. Marshall C, Mason K, Rowley K, Herman R, Atkinson J, Woll B, et al. Sentence Repetition in Deaf Children with Specific Language Impairment in British Sign Language. *Language Learning and Development*. 2014; 11(3): 237–51.
19. Herman R, Rowley K, Mason K, Morgan G. Deficits in narrative abilities in child British Sign Language users with specific language impairment. *International Journal of Language and Communication Disorders*. 2014; 49(3): 343–53.
20. Guimarães CF, Campello AR e S. “Trocas nos sinais”: caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos. *Audiology - Communication Research*. 2018; 23, e1922.

